

## A ACENTUAÇÃO DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS. ALGUMAS OBSERVAÇÕES CONTRASTIVAS

Augustinus Staub

### I — O Conceito de Fonema

A descoberta e o desenvolvimento do princípio fonêmico constituem, de acordo com Hockett<sup>1</sup>, um dos fatos relevantes da Lingüística da primeira metade do século vinte. Hughes<sup>2</sup> considera o princípio fonêmico a pedra-de-toque no campo da Lingüística. Só é lingüista aquele que conseguiu captar a sua verdade.

O fonema tem sido definido:

- (1) sob o ponto de vista "mentalista" ou psicológico";
- (2) sob o ponto de vista "físico";
- (3) sob o ponto de vista "funcional";
- (4) sob o ponto de vista "abstrato".

Sob o ponto de vista "mentalista" ou "psicológico" o fonema é definido como sendo um "fone" ideal, ao qual os falantes devem tender no discurso. As desviações do "fone" são inúmeras na fala e têm duas causas principais:

(1) a grande dificuldade, da parte do falante, de repetir, de um modo idêntico, o mesmo "fone";

(2) a influência exercida sobre um determinado "fone" por "fones" em contato.

Baudoin de Courtenay (1845-1929) foi o primeiro lingüista a adotar o ponto de vista "mentalista" ou "psicológico" na conceituação do fonema ao defini-lo como "o equivalente psíquico do som pronunciado"<sup>3</sup>.

1 Charles F. Hockett. *The State of the Art*. The Hague, Mouton, 1970, p. 9.

2 John P. Hughes. *The Science of Language*. New York, Random House, 1963, p. 66.

3 J. B. de Courtenay. *Ein Versuch einer Theorie Phonetischer Alternationen*. Estrasburgo, 1895, p. 9.

Entre os lingüistas americanos, Sapir foi um dos únicos a adotar o mesmo critério, pois um dos seus artigos mais divulgados foi intitulado: "La Réalité Psychologique des Phonèmes" 4. Numa de suas pesquisas, Sapir não conteve a sua admiração ao constatar que uma palavra pronunciada/papa/era transcrita "papa" por um falante do Paiúte meridional. Era evidente a diferença fonética entre a primeira e a segunda consoante da palavra. Podemos explicar a atitude do Informante de Sapir: a consoante inicial e a consoante medial, variantes posicionais, apesar de foneticamente distintas, constituíam a "mesma" consoante para o falante do Paiúte meridional e representavam a realização de um "fone" ideal ou fonema. Sapir justifica a adoção do ponto de vista "mentalista" ou "psicológico" na conceituação do fonema ao escrever:

"Após vários anos de experiência na gravação e análise de línguas sem escrita, de Indígenas americanos e africanos, cheguei à conclusão prática de que o falante não ouve elementos fonéticos mas ouve fonemas" 5.

Bloomfield rejeitou violentamente a adoção do critério "mentalista" ou "psicológico" na conceituação do fonema e podemos resumir as causas da atitude bloomfieldiana da maneira seguinte:

(1) não temos o direito de dar pareceres sobre a atividade lingüística de uma mente Inacessível;

(2) nenhuma vantagem poderia resultar de tais pareceres.

Bloomfield considera o processo lingüístico da mente como algo "Inobservável.

Bloch e Trager, apesar de serem abertamente adeptos dos critérios "físico" e "funcional" na conceituação do fonema, não desprezam o critério "mentalista" ou "psicológico". Após terem explicado a vantagem de uma análise fonêmica escrevem:

"No que precede nada foi dito a respeito de uma outra grande vantagem atribuída a uma análise fonêmica, qual seja o fato de ela refletir o sentimento do falante a respeito de sua língua, o seu Sprachgefühl" 6.

4 Edward Sapir. *La Réalité Psychologique des Phonèmes*, *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 30, p. 247-65, 1963.

5 "In the course of many years of experience in the recording and analysis of unwritten languages, American, Indian and African, I have come to the practical realization that what the naive speaker hears is not phonetic elements but Phonemes": ("Selected Writings of Edward Sapir". In: —. *Language, Culture and Personality*. Editado por David Mandelbaum, p. 46.

6 "In all this we have said nothing about still another advantage often claimed for a phonemic description, namely that it reflects the native speaker's feeling about his language, his "Sprachgefühl" (B. Bloch e George L. Trager. *Outline of Linguistic Analysis*. Baltimore, Linguistic Society of America, 1942, p. 40.

Para os lingüistas "mentalistas" a unidade da estrutura vocabular ou fonema:

- (1) é uma "idéia de fone";
- (2) no discurso o falante concretiza a "idéia de fone" com um "fone" real;
- (3) na mente do falante "a idéia de fone" precede o "fone" real;
- (4) na mente do ouvinte "a idéia de fone" também precede o "fone" real;
- (5) para a comunicação uma "idéia de fone" na mente do falante, deve corresponder à mesma "idéia de fone" na mente do ouvinte.

Sob o ponto de vista "físico" o fonema é constituído de uma família de "fones". Estes devem ter as seguintes características:

- (1) apresentar semelhança fonética flagrante entre si;
- (2) não coincidir na posição. Em outras palavras: devem ocorrer em distribuição complementar e jamais em posição paralela. Os "fones" que apresentam semelhança fonética e estão em distribuição complementar, constituem os "alofones" ou as "variantes" de um fonema.

A adoção do critério "físico" na conceituação do fonema encontra-se bastante generalizada entre os lingüistas. Daniel Jones define:

"Um fonema é família de fones (sounds) consistindo de um fone importante da língua (i. é., o membro mais freqüentemente empregado desta família) e outros relacionados que ocupam o seu lugar em seqüências fônicas peculiares" 7.

Em "Outline of Linguistic Analysis" Bloch e Trager também conceituam o fonema sob o ponto de vista físico:

"Os fones que constituem um único fonema são foneticamente similares pelo fato de partilharem um aspecto de articulação ou uma combinação de aspectos (resultando num efeito auditivo característico) não encontráveis nos membros de todos os outros fonemas" 8.

7 "As phoneme is a family of sounds consisting of an important sound of the language (i. e., the most frequently used member of that family) together with other related sounds which take its place in particular sound-sequences". Daniel Jones. *An Outline of English Phonetics*. New York, E. P. Dutton and Co., Inc., 1940, p. 48.

8 "The sounds which constitute a single phoneme are phonetically similar, in the sense of sharing some feature of articulation or some combination of features (resulting in a characteristic auditory effect) absent from the members of all other phonemes" (idem, *ibidem*, p. 38-39).



A definição de Gleason é a que mais se aproxima das características da conceituação "física" do fonema, anteriormente apontadas:

"Um fonema é uma classe de "fones": (1) são foneticamente similares e (2) mostram certos padrões característicos de distribuição na língua ou dialeto em questão" 9.

Inspirado pelo critério "físico" da conceituação do fonema Pike 10 apresenta os fonemas de uma língua falada, baseando-se nos princípios seguintes:

- (1) o "fone" é modificado pelos "fones" vizinhos; o fonema, não;
- (2) no sistema os "fones" não são tomados em consideração pelo fonemista;
- (3) a seqüência dos "fones" influencia a interpretação dos fonemas.

Sob o ponto de vista "funcional" o fonema é a unidade lingüística capaz de diferenciar significados. Os lingüistas do Círculo Lingüístico de Praga, Troubetzkoy, Jakobson e Kartzevski, aconselham que:

"Qualquer descrição científica da fonologia de uma língua deve conter, em primeiro lugar, a característica do repertório de que dispõe essa língua para a diferenciação das imagens acústico-motricizes" 11.

Saussure já demonstrou que a função fundamental do fonema é diferenciadora. Bloomfield foi, sem dúvida, o maior divulgador do conceito de fonema sob o ponto de vista "funcional" ao definir os fonemas como sendo

"... as unidades mínimas que produzem uma diferença no significado..." 12.

Gleason, além de conceituar o fonema sob o ponto de vista "físico", também o conceitua sob o ponto de vista "funcional":

9 "A phoneme is a class of sounds which: (1) are phonetically similar and (2) show certain characteristic patterns of distribution in the language or dialect under consideration" (H. A. Gleason, Jr. *Introduction to Descriptive Linguistics, Revised Edition*. Holt, Rinehart and Winston, New York, 1961, p. 261.

10 K. L. Pike. *Phonemics; A Technique for Reducing Languages to Writing*. Ann Arbor, 1947, p. 57 e segs.)

11 N. S. Troubetzkoy, Roman Jakobson e S. Kartzevski. *Actes du Premier Congrès International de Linguistes à la Haye, du 10-15 avril 1928*, Leiden, 1928, p. 33.

12 "...the smallest units which make a difference in meaning..." (Bloomfield. *Language*, New York, Henry Holt and Company, 1933, p. 136).

"Podemos definir o fonema como a unidade mínima do sistema de expressão de uma língua falada pela qual uma coisa que pode ser dita é diferenciada de qualquer outra que poderia ser dita" 13.

Em Martinet encontramos explícito o mesmo ponto de vista "funcional" quando indica as técnicas do isolamento de fonemas:

"Dois fones sucessivos são fonemas diferentes se forem comutáveis (e também com zero), isto é, substituindo um dos fones por outro fone (ou por zero) obtemos uma palavra diferente: bata, lata, lota, representando l e a de lata dois fonemas diferentes" 14.

Além da função distintiva ou opositiva, Martinet 15 menciona duas outras funções do fonema que são: (1) a função demarcativa que facilita ao ouvinte a análise de um enunciado em unidades sucessivas. As vogais do português, além da função distintiva ou opositiva, marcam o ápice silábico, enquanto as consoantes indicam a margem silábica. O /h/ do Inglês, além da função distintiva, sempre marca o início de uma sílaba (2). A função

expressiva, pela qual uma emissão característica de um fonema de um enunciado pode fornecer informações valiosas concernentes ao estado da alma do falante. É o que se verifica em "nada feito", com o alongamento do primeiro a de "nada" que, além da função distintiva, assume uma função expressiva.

Os grandes divulgadores da ciência lingüística geralmente definem o fonema sob o ponto de vista "funcional", enfatizando a função distintiva ou opositiva. Destacamos, entre muitas, a definição do fonema de Stageberg:

"O fonema é um "fone" da fala que indica uma diferença de significado" 16.

Para estabelecer que determinados "fones" são alofones ou variantes posicionais de um mesmo fonema, os adeptos do ponto de vista "abstrato" recorrem a uma série de critérios não fonéticos como (1) a participação em alternâncias morfológicas e (2) a semelhança na distribuição em sílabas e vocábulos. Exemplifiquemos a "participação em alternâncias morfológicas".

13 "...we may define a phoneme as a minimum feature of the expression system of a spoken language by which one thing that may be said is distinguished from any other thing which might have been said" (Idem, *Ibidem*, p. 9 e 16).

14 A. Martinet. "Un ou deux phonèmes? In: —, *Acta Linguistica*, I, 1939, pp. 94 e segs.

15 Idem. *Elementos de Lingüística General*. Madrid, Editorial Gredos, 1965, p. 77 e 78.

16 "The phoneme is a speech sound that signals a difference in meaning" (Norman C. Stageberg. *An Introductory English Grammar*. Second Edition. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1971, p. 11).



No Português o "l" de "mal" alterna com o "j" de "males". O "l" alveolar de "males" precede, sem interferência de juntura aberta, um morfema iniciado por vogal. Esta alternância é constante e automática. O "j" de "mal" e o "j" de "males" são membros do mesmo fonema, não só por causa da semelhança fonética, mas pela participação constante em alternâncias morfológicas.

No Inglês, /f/ alterna com /v/ na formação de muitos plurais como "life" - "lives", "wife" - "wives". Verifica-se, entretanto, que esta alternância (f - v) não é constante. Não se verifica em "roof - roofs", "graph - graphs", "laugh - laughs", "cough - coughs". Logo, /f/ e /v/, do Inglês, são fonemas independentes, apesar de, em certos casos, apresentarem relações realmente estreitas.

Exemplifiquemos o critério da "semelhança na distribuição em sílabas e vocábulos". No Português, /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/ são fonemas independentes pelo fato de todos poderem preceder /l/ e /r/, no início de sílaba de vocábulo.

Pelo visto, uma descrição "abstrata" de um sistema fonêmico é o oposto de uma descrição "física" e oferece semelhanças flagrantes com uma descrição morfofonêmica.

Os adeptos do ponto de vista "físico", em geral, não aceitam o ponto de vista "abstrato" para a conceituação de fonema, alegando que não é válido recorrer a informações gramaticais para desvendar a estrutura fonêmica. Influenciados pela orientação positivista da ciência, alegam que a investigação científica deve iniciar com a observação de dados e, pela aplicação do método indutivo, atingir as estruturas abstratas subjacentes. Em resumo, o estudo da estrutura fonêmica deve preceder o estudo da estrutura gramatical e não é lícito recorrer a esta, pelo fato de ainda não ter sido estabelecida. Os adeptos do ponto de vista "abstrato" na conceituação do fonema argumentam que (1) a fonêmica constitui o traço de união entre a fonética e a gramática; (2) é legítimo e necessário recorrer a dados gramaticais para estabelecer um sistema fonêmico; (3) a estrutura fonêmica e a estrutura gramatical não são estruturas isoladas mas devem formar um todo consistente.

## II — Classificação dos Fonemas

Troubetzkoy<sup>17</sup> classificou os fonemas em (1) prosodemas e em (2) vogais e consoantes. Os prosodemas exprimem o ritmo e a melodia da linguagem. As vogais são fonemas que não sofrem obstáculo na emissão, enquanto as consoantes são caracterizadas pelo encontro de um obstáculo na emissão.

Swadesh<sup>18</sup> propôs a seguinte classificação dos fonemas:

- (1) fonemas frasais - sentence phonemes (entoação);
- (2) fonemas silábicos - syllable phonemes (tonemas, tasemas, acentos de intensidade;
- (3) fonemas auto-existentis - self-contained phonemes (vogais e consoantes).

Os lingüistas americanos, na sua grande maioria, estabeleceram a divisão dos fonemas em (1) fonemas segmentais e em (2) fonemas supra-segmentais. Esta foi, sem dúvida, a divisão mais divulgada. Aqueles são constituídos de vogais e de consoantes e nos enunciados sucedem-se no tempo. As vogais opõem-se às consoantes por serem fonemas silábicos, i. é, podem constituir o ápice de uma sílaba. Em 1935, Hjelmslev<sup>19</sup> apontou como característica principal da vogal o fato de poder constituir vocábulos sem o concurso de consoantes. Em 1936<sup>20</sup>, definiu-a pela capacidade de constituir enunciados. Em 1938<sup>21</sup>, Hjelmslev alterou a definição anterior encarando as vogais como os únicos fonemas capazes de constituir um tema sozinho. As consoantes, na opinião de Hjelmslev, sempre pressupõem a existência de uma vogal. Bloomfield<sup>22</sup> define as vogais em oposição às consoantes considerando-as como fonemas silábicos. Para Kurilowicz<sup>23</sup> a vogal é o elemento necessário para a constituição da sílaba.

Os fonemas de acentuação, se existem na língua, situam-se, como podemos ver, entre os "prosodemas" de Troubetzkoy, entre os fonemas silábicos de Swadesh, ou entre os fonemas supra-segmentais do geral dos lin-

17 Troubetzkoy. "Grundzüge der Phonologie." In: —. I.C.P., VII, 1939, p. 85.

18 Maurice Swadesh. The Phonemic Principle. Language, 1934, p. 122.

19 Louis Hjelmslev. "On Principles of Phonemics." In: —. Proceedings of the Second International Congress of Phonetic Sciences, 1935, p. 52.

20 Idem. "Accent, Intonation, Quantité." In: —. Studi Baltici, 1936-7, p. 27.

21 Idem. "The Syllable as a Structural Unit." In: —. Proceedings of the Third International Congress of Phonetic Sciences, 1938, p. 270.

22 Idem, Ibidem.

23 J. Kurilowicz. Contribution à la Théorie de la Syllabe." In: —. Bulletin de la Société Polonaise de Linguistique, p. 104.



güistas americanos. Além dos fonemas de acentuação, outros fonemas supra-segmentais podem ocorrer, tais como os fonemas de altura, tom, e jun- turas.

A acentuação normalmente é simultânea às sílabas e geralmente é ma- nifestada por vogais. Se considerarmos o fato de que cada vocábulo geral- mente só tem um acento principal, o domínio do acento é o vocábulo, no vocábulo a sílaba, na sílaba uma determinada vogal.

A acentuação ou acento de intensidade é o nome dado à força relativa com que uma sílaba é pronunciada num determinado enunciado. Em outras palavras: é o grau de proeminência de uma sílaba. Acentuar uma palavra é pôr em destaque, numa palavra de várias sílabas, uma sílaba em relação às outras. O destaque ou relevo é obtido mediante um maior desgaste de ener- gia e pelo aumento da duração da emissão.

### III — Os Fonemas de Acentuação do Inglês

Bloomfield<sup>24</sup>, em 1933, estabeleceu a existência de três acentos tônicos e um acento átono no Inglês. Os três acentos tônicos são: o acento mais forte de todos (highest stress) marca as formas enfáticas; o acento forte ou ordinário (high stress — ou — ordinary stress) ocorre numa sílaba de cada vocábulo; o acento fraco ou secundário (low — ou — secondary stress) marca uma ou mais sílabas de vocábulos compostos ou vocábulos longos.

Bloch e Trager<sup>25</sup> admitem que o Inglês pode ser descrito em termos de quatro acentos que são: forte (loud); forte reduzido (reduced loud); médio (medial) e fraco (weak). Numa transcrição fonêmica, os três primeiros são indicados por / í ê / e / ì / \* respectivamente. O acento fraco não é in- dicado.

Pike<sup>26</sup> admite dois acentos: o acento forte e o acento reduzido. De- monstra que este é uma variação daquele, pelo fato de estarem em distri- buição complementar. Um acento médio pode ser uma opção do falante.

Wells<sup>27</sup> só admite a existência de um fonema acentual, o acento fraco é simplesmente a ausência de acento.

\* Observação do revisor: Nestas e nas notações acentuais das próximas três páginas, leiam-se tão-só os acentos, sem as vogais.

24 Idem, *ibidem*, p. 111.

25 Idem, *ibidem*, p. 48.

26 Kenneth L. Pike. *The Intonation of American English*. University of Michigan Press, Ann Arbor, 1946, p. 82-83.

27 R. Wells. *The Intonation. Language*, 1947, p. 265.

28 George L. Trager e Henry Lee Smith Jr., *An Outline of English Structure*. Washington, American Council of Learned Societies, 1957, p. 35-39.

Trager e Smith<sup>28</sup> definitivamente comprovam a existência de quatro fo- nemas de acentuação no Inglês que são: o acento primário (primary); o a- cento secundário (secondary); o acento terciário (tertiary) e o acento fraco (weak), indicado por / í ê ì / e / u / \* respectivamente. As opiniões de Trager e Smith são confirmadas, quase por unanimidade, por lingüistas pos- teriores, entre os quais destacamos: H. A. Gleason<sup>29</sup>, A. A. Hill<sup>30</sup>, Robert Lado<sup>31</sup>, etc. Trager e Smith<sup>32</sup>, adotam o critério "físico" e "funcional" pa- ra a identificação dos acentos primários, terciários e fraco. Para a identifi- cação dos acentos terciários e secundários recorrem ao critério "funcional", pois apontam a função distintiva dos acentos em pares mínimos como "Lông island", vocábulo composto e nome de uma ilha e "lông ísland", locução<sup>33</sup>.

### IV — Particularidades Referentes à Acentuação do Inglês

No Inglês, a sílaba tônica pode ser definida como sendo a sílaba por- tadora de acento primário, secundário ou terciário.

Num total aproximado de cem casos, a posição da sílaba tônica está relacionada com a função da palavra. "Subject", com o acento primário na segunda sílaba e um acento fraco na primeira, é imediatamente classificado entre os verbos. Um acento primário na primeira sílaba e um acento fraco na segunda, classificada "subject" entre os substantivos. O mesmo acontece com "convert", "present", "permit", "contract", "import", etc. .

Num vocábulo, a sílaba tônica, portadora de acento primário, pode vir precedida e seguida de outras sílabas tônicas portadoras de acento terciário. Como exemplos citamos "vêrbóse", "ôperátion", "côndescênslon" e "côntênts". Este fato comprova que o vocábulo Inglês pode ser portador de mais do que um acento tônico.

É comum a ocorrência de uma ou duas sílabas átonas após uma sílaba com acento primário, como "paper", "ánilal". A possibilidade de três ou mesmo quatro sílabas átonas, após uma sílaba portadora de acento primário, também existe. Como exemplos citamos: "práctícalbe", "práctícalbeness".

A presença de um acento terciário na última sílaba de "séparâte", "íntimâte", "délegâte", "legítimâte", "assóciâte", "coórdinâte", etc., iden-

\* Observação do revisor: u — fraco.

29 Idem, *ibidem*, p. 40-46.

30 A. A. Hill. *Introduction to Linguistic Structure*. New York, Harcourt, Brace and Com- pany, 1958, pp. 14-21.

31 Robert Lado. *Language Teaching. A Scientific Approach*. New York, McGraw-Hill, Inc., 1964, p. 81.

32 Idem, *ibidem*, p. 36.

33 Idem, *ibidem*, p. 39.



tifica os vocábulos como verbos. A presença de um acento fraco nas mesmas sílabas, identifica-os como adjetivos.

Às vezes, a posição do acento pode modificar a qualidade de uma consoante fricativa. Em "dissolve" | dizólv | e "exert" | egzért |, uma fricativa sonora ocorre no início da sílaba portadora de acento primário. Em "dissolúte" e "exercíse", as segundas sílabas e a terceira de "exercíse" não portadoras de acento primário. A fricativa que as inicia é surda.

Se um grupo de força contém vários vocábulos que isoladamente seriam marcados com um acento primário, só o vocábulo "central" permanece marcado com um acento primário. O acento primário dos outros é reduzido a um acento secundário. Este só ocorre em unidades superiores ao vocábulo. A quantidade de acentos secundários, terciários e fracos num grupo de força não pode ser determinada. "Em "thèy were riding" in an ôld càr" verificamos a ocorrência de um acento primário, dois acentos secundários, um acento terciário e três acentos fracos.

Na maioria dos casos, o acento primário vem ligado à sílaba de maior altura. Esta ligação, entretanto, não é necessária. Acentos primários, em sílabas de menor altura, são possíveis. Como exemplo citamos: "réad it!" O acento primário acompanha a maior altura da voz. Em "réad it?" o acento primário não acompanha a maior altura da voz.

No Inglês, o acento primário é deslocável. Em teoria, pode marcar qualquer sílaba do grupo de força que mereça ênfase. Como exemplo citamos. "You can dó it", com o acento primário em "do". Eventualmente, pela aplicação da transformação "reafirmação" à oração básica, o acento primário pode marcar a palavra "can" em "You cãn do it". Ênfase também pode ser colocada em "you". Neste caso obtemos. "Yóu can do it".

O vocábulo Inglês por aglutinação, composto de duas bases, tem as características acentuais seguintes: Um constituinte, em geral o primário, conserva o acento primário. A sílaba, ou sílabas do outro constituinte, tornam-se portadoras de acento fraco. Como exemplos citamos: "shépherd", "nécklace", "Macdónald", "Johnson", "póstman", etc..

No vocábulo composto por justaposição, todos os constituintes conservam o acento próprio. Por motivos práticos dividimo-los em quadro grupos:

(1) Os compostos marcados com o padrão acentual / i i /, i. é, acento primário no primeiro constituinte e acento terciário no segundo. Ex.: "White Hóuse", "yésterdày". Este grupo constitui a grande maioria dos compostos Ingleses e abrange aproximadamente 90% do total.

\* Observação do revisor: circunflexo sobre o l de rl.

(2) Os compostos marcados com o padrão acentual / i i /, i. é, acento terciário no primeiro constituinte e acento primário no segundo. Ex.: "Lòng Ísland" (nome de uma ilha), contrastando com a locução (adjetivo-substantivo) "lòng + Ísland" (ilha comprida).

(3) Os compostos marcados com o padrão acentual / ô f /, i. é, acento primário no primeiro constituinte e acento terciário no segundo. Ex.: "Fífh + Ávenue", "swèet + potátóes".

(4) Os compostos marcados com o padrão acentual / i ô /, i. é, acento primário no primeiro constituinte e acento secundário no segundo. Ex.: "bláck + boárd".

O acento primário do composto marcado com o padrão acentual / i i / é reduzido a um acento secundário quando, no grupo de força, outro elemento for o portador do acento primário. Ex.: "He vísited the White Hóuse", com o acento primário em "White". Entretanto, em "He vísited the White Hóuse yésterday" a primeira sílaba de "yesterday" é portadora de acento primário. O acento primário do primeiro constituinte do composto "White Hóuse" é reduzido a / ô / . O mesmo fenômeno é registrado, em condições idênticas, com o acento primário dos compostos marcados com os padrões acentuais / i i /, / ô f / e / i ô /.

A passagem de um constituinte com acento secundário para um constituinte de acento primário ou vice-versa, é sempre assinalada pela presença de uma juntura aberta / + / . Esta se manifesta, ora por uma pausa, ora pelo alongamento do constituinte marcado com acento secundário. A presença de uma juntura aberta / + / entre um constituinte com acento terciário e um constituinte com acento primário, e vice-versa, é arbitrária.

Certos vocábulos Ingleses caracterizam-se pela transferência acentual. Isoladamente, ou seguidos de sílaba átona, a última sílaba vem marcada com acento primário. Ex.: "únknóvn", "únknóvn to me". Seguidos de sílaba tônica, o acento primário da última sílaba é transferido para uma sílaba anterior do vocábulo. Ex.: "únknóvn country". As formas "únknóvn", "únknóvn" estão, portanto, em distribuição complementar numa emissão. Os vocábulos caracterizados pela transferência acentual formam uma lista fechada na qual incluímos: todos os numerals em "-teen", "downtown", "uptown", "almost", "inside", "overnight", "inlaid", "overseas", "Chinese", "Japanese", "left-handed", "vietnamese", etc..

Verifica-se que no Inglês o acento primário ocorre predominantemente no radical primário. Como citamos "énding", "grammátical", "áptítude".



Mas diversas variedades de Inglês, Trager e Smith<sup>34</sup> admitem a ocorrência das nove vogais silábicas / i e æ i e a u o c / que, eventualmente, podem ser portadoras de acento tônico. Prator<sup>35</sup>, no **Manual of American English Pronunciation**, afirma que as vogais átonas (com acento fraco), comumente têm a pronúncia | e | ou | i |. A vogal átona | e | ocorre na primeira sílaba de "alone". A vogal átona | i | ocorre na segunda sílaba de "limited". As vogais átonas de Prator acrescentamos uma terceira | i | que, na opinião de Gleason<sup>36</sup>, é a vogal mais comum nas sílabas nessa posição. Concluímos afirmando que as vogais, portadoras de acento fraco em potências, são | i e | e | i |. As outras vogais e ditongos, em consequência, só poderão ser portadoras de um acento de intensidade superior ao acento fraco, ou seja / i e i /.

A qualidade da vogal depende, em certos casos, do tipo de acento que a acompanha. A vogal de "and" é / æ / quando marcada com acento primário, secundário ou terciário. Ex.: "Not only John but John and /ænd / Margaret got good marks". Marcada com acento fraco a vogal de "and" é | e |. Ex.: "Peter, Paul and | e n | Mary". A vogal de "to", marcada com acento primário, apresenta a vogal / u /. Ex.: "After the knock-out, the boxer came to". Com acento fraco, a vogal é / i / ou / e /. Ex.: "I have to ( / i / ou / te / go". Em "always", o ditongo / ey / só ocorre marcado com acento terciário. Com acento fraco ocorre a vogal / i / e não ditongo / ey /. A mudança da qualidade da vogal, resultante da redução do acento, é conhecida sob o nome de "gradação". Os escritores, em certos casos, modificam a ortografia convencional para indicar a redução do acento ou a "gradação". Citamos alguns exemplos de Faulkner em **Two Soldiers**:

"I'll take seventy-two cents fer it".

"And there was the bus, like when Pete got into it yestiddy morning, except there wasn't no lights on it now and it was empty".

O Inglês tem a tendência de tornar uniforme o tempo que distancia as sílabas marcadas com acentos secundários e a distância entre uma sílaba com acento secundário e outra de acento primário. Os acentos secundários e o acento primário ocorrem a intervalos regulares, independentes da quantidade de sílabas átonas intermediárias. Ex.: Em "He's a kind", ôid fellow" e "He's a kind and ôid fellow", o tempo dispendido na passagem de "kind" para "old" é sempre o mesmo, apesar da intromissão, no segundo caso, de "and".

\* Observação do revisor: circunflexo sobre o i.

<sup>34</sup> Idem, ibidem, p. 27

<sup>35</sup> Clifford H. Prator, Jr. **Manual of American English Pronunciation**. Revised edition. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1956, p. 17.

<sup>36</sup> Idem, ibidem, p. 322

A rapidez da pronúncia depende da quantidade de sílabas átonas entre dois acentos secundários ou entre um acento secundário e um primário. Quanto mais sílabas átonas nas referidas posições, tanto mais rápida a pronúncia. Quanto menos sílabas átonas, tanto mais lenta a sua emissão.

## V — Os Fonemas de Acentuação do Português e Algumas Particularidades

J. Mattoso Câmara Jr.<sup>37</sup> estabeleceu a existência de dois acentos fonêmicos nos vocábulos portugueses:

- (1) o forte ou primário e (2) o fraco.

Para a sua identificação adotou o critério "funcional", especificamente a função distintiva, localizando a existência de pares mínimos como "sábila", "sabria" e "sablá", e o critério "físico", especificando as variantes posicionais do acento fraco.

Cada vocábulo da Língua Portuguesa é portador de um acento primário que pode marcar:

- (1) a última sílaba — café
- (2) a penúltima sílaba — hoje
- (3) a antepenúltima sílaba — lâmpada;
- (4) a quarta última sílaba — rítmico, "rítmico".

Certos vocábulos do tipo (3), como "rítmico" | rítmico | e "Ístmo" | ístimo | não são revelados pela escrita convencional. Os vocábulos do tipo (4) não ocorrem em certos falares. Conseqüentemente enquadram-se nos vocábulos do tipo (3). Pelo fato de jamais serem revelados pela escrita convencional, não foram classificados pelos gramáticos tradicionais.

Os vocábulos predominantes na Língua Portuguesa são os do tipo (2). Em certos falares verifica-se a tendência de reduzir vocábulos do tipo (3) ao tipo (2). Ilustram esta tendência os exemplos seguintes: "Xícara — xícra", "abóbora — abobra", "córrego — corgo".

As sílabas não marcadas pelo acento primário variam de acentuação. É uma variação condicionada à posição em relação à sílaba tônica. São fracas quando seguem o acento primário e menos fracas quando o precedem.

O vocábulo português é caracterizado, como vimos, pela presença de um acento tônico. Este só pode vir precedido e seguido de sílabas portado-

<sup>37</sup> J. Mattoso Câmara Jr. **Para o Estado da Fonêmica Portuguesa**. Rio, Edição da Organização Simões, 1953, p. 59-62.



ras de acento fraco. O número de sílabas que precede a sílaba portadora do acento primário é variável e não pode ser predito. Os derivados em que figuram os sufixos - (z)inh(o) e - (z)it(o), bem como os advérbios em mente, são portadores de acento primário no sufixo e conservam um acento secundário no derivado. Em "cafezinho" e "afavelmente" temos unidades superiores ao vocábulo, ou dois vocábulos fonológicos, respectivamente, revelados pela ocorrência de um acento primário (último) e um acento secundário.

Num grupo de força, a última tônica retém o acento primário. Em "Os alunos gostam de matemática", o acento primário cai na sílaba tônica de "matemática". O acento primário dos vocábulos precedentes é reduzido a um acento secundário. Em "O professor fala cinco línguas", o acento primário de "professor", "fala" e "cinco" é reduzido a um acento secundário.

Pelo visto, podemos definir a sílaba tônica do Português como sendo a sílaba portadora de acento primário ou secundário.

No Português, o acento primário de um grupo de força não é deslocável e necessariamente ocorre na última tônica. Para a aplicação da transformação da "reafirmção" a "Eu posso fazê-lo" não deslocamos o acento primário da segunda sílaba de "fazê-lo" para a primeira sílaba de "posso", mas colocamos "posso" debaixo de um fonema de altura mais elevado. Ênfase também é obtida, não pelo deslocamento do acento primário da última sílaba tônica para uma sílaba anterior, mas através do levantamento da voz na sílaba ou sílabas a serem postas em evidência. Altura e acento primário nem sempre coincidem no Português.

O vocábulo aglutinado do Português é um composto no qual um dos constituintes, o primeiro, perdeu o acento próprio. Em outras palavras: o aglutinado é um composto com um acento primário. Ex.: "planáto", "pernáta", "pernílóngo".

No vocábulo composto por justaposição, os constituintes conservam o acento próprio. O segundo constituinte é marcado pelo acento primário e o primeiro por um acento secundário. Os compostos por justaposição, portanto, só apresentam um único padrão acentual: /ê í/. Ex., "guárda-chuva", "pê-de-véto".

O acento primário de vocábulo composto por justaposição é reduzido a um acento secundário quando, no grupo de força, não for a última tônica. Ex.: "Um guárda-chuva" vélho".

No Português, o lugar preferido de acento tônico é o sufixo, como podemos verificar em "livréro", "atadúra", "galínha"; "portadóra".

\* Observação do revisor: circunflexo no u.

## VI — Alguns Problemas Encontrados no Ensino da Acentuação do Inglês

Seria impossível enunciar todos os problemas de pronúncia, encontrados por alunos brasileiros, no estudo da acentuação do Inglês. Limitamos a enumerar alguns, verificáveis a toda hora, em qualquer sala de aula e em todos os níveis.

(1) Vocábulos Ingleses como "comfortable", com três sílabas átonas após a sílaba tônica, podem causar problemas de pronúncia aos alunos brasileiros que não apresentam, no próprio falar, vocábulos acentuados na quarta última sílaba.

(2) Todos os vocábulos Ingleses como "practicableness", com quatro sílabas átonas após a sílaba de acento primário, são problemas de pronúncia certos para todos os estudantes de Inglês do Brasil.

(3) No Português verificamos a ausência de um acento terciário. O acento terciário do Inglês, precedido de um acento primário é (a) reduzido a um acento fraco postônico português pelos alunos de Inglês. Ex.: "Also" torna-se "also", em vez de "álsò"; é (b) emitido como um acento primário, transpondo este para a sílaba portadora de acento terciário. Obtemos assim "estímated" em vez de "éstímated". A última tendência parece constante quando o acento primário e o acento terciário não são contíguos.

(4) O acento fraco pretônico português. Ex.: "Informatíon" torna-se "Informatíon".

(5) Quando o acento primário Inglês não marca a última tônica do grupo de força, os estudantes de Inglês do Brasil têm a tendência de deslocá-lo para a última sílaba tônica. Ex.: "Hê líkes potáto chíps" torna-se "Hê líkes potáto chíps".

(6) No Português, as sílabas portadoras de acento primário são mais longas do que outras sílabas não portadoras do mesmo acento. Entretanto, são menos longas que as sílabas portadoras de acento primário do Inglês. Os estudantes de Inglês do Brasil têm a tendência, pois, de "encurtar" as sílabas portadoras de acento primário do Inglês.

(7) O acento fraco postônico do Português é, em geral, mais fraco que o seu congêneres do Inglês. Os estudantes do Brasil têm a tendência de emitir as sílabas postônicas do Inglês com uma falta notável de intensidade. Esta tendência é facilmente verificável nas últimas sílabas de "beautiful" e "city" em "It's a beautiful city".



(8) O acento fraco pretônico do Português é mais forte que o acento fraco pretônico do Inglês. Os estudantes de Inglês do Brasil têm, antes de tudo, um problema no que se refere à percepção de sílabas pretônicas Inglesas e tentam (a) omiti-las. Ex.: "a book" torna-se "book"; (2) emit-las com demasiada intensidade.

(9) Todos os acentos terciários Ingleses que precedem o acento primário num grupo de força são reduzidos a um acento secundário português. Ex.: "The White\* Hôuse is beáutiful" tornase "The White Hôuse is beáutiful".

(10) Os compostos Ingleses marcados com o padrão acentual / ô í /, como "Fifth\*\* Avenue", com acento secundário no primeiro constituinte e acento primário no segundo, são os únicos que não causam problemas de pronúncia aos estudantes de Inglês do Brasil. Deve-se o fato à coincidência do padrão acentual deste número limitado de compostos com o padrão acentual de todos os compostos portugueses. Os compostos Ingleses restantes são reduzidos ao padrão acentual / ê í /. "White Hôuse" torna-se "White\*\*\* House", "Lông Ísland" torna-se "Lông Ísland", "bláck + bóard" torna-se "bláck + bóard". A redução dos compostos como "White House" ao padrão acentual / ê í / reduz, por assim dizer, os 90% dos compostos Ingleses do grupo (1), a simples locuções, modificador + substantivo, portadores do padrão acentual / ê í /, eliminando as oposições entre "smóking rôm", "trávelling mân", "dâncing girl", todos compostos, e "smóking róm", "trávelling mân", "dâncing girl", locuções.

\* Observação do revisor: circunflexo neste e no seguinte í de White.

\*\* Circunflexo no í.

\*\*\* Idem.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — Bloch, Bernard, e George L. Trager. Outline of Linguistic Analysis. Linguistic Society of America, Baltimore, 1942.
- 2 — Bloomfield, Leonard. Language. Henry Holt and Company, New York, 1933.
- 3 — Câmara, J. Mattoso Jr. Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa. Edição da Organização Simões, Rio, 1953.
- 4 — Courtenay, J. B. de. Ein Versuch einer Theorie Phonetischer Alternationen. Estrasburgo, 1895.
- 5 — Gleason, H. A. Jr. An Introduction to Descriptive Linguistics, rev. ed. Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York, 1961.
- 6 — Hill, A. A. Introduction to Linguistic Structures. Harcourt, Brace and Company, New York, 1958.
- 7 — Hjelmslev, Louis. Accent, Intonation, Quantité. In: —. Studi Baltici, 1936-1937.
- 8 — ———. On Principles of Phonemics, in Proceedings of the Second International Congress of Phonetic Sciences, 1935.
- 9 — ———. The Syllable as a Structural Unit. In: —. Proceedings of the Third International Congress of Phonetic Sciences, 1938.
- 10 — Hockett, Charles F. The State of the Art. Mouton, The Hague, 1970.
- 11 — Hughes, John P. The Science of Language. Randon House, New York, 1963.
- 12 — Jones, Daniel. An Outline of English Phonetics. Dutton And Co., Inc., New York, 1940.
- 13 — Kurlowicz, J. Contribution à la Théorie de la Syllabe. In: —. Bulletin de la Societé Polonaise de Linguistique.
- 14 — Lado, Robert. Language Teaching. A Scientific Approach. McGraw-Hill, Inc., New York, 1964.
- 15 — Martinet, André. Elementos de Lingüística General. Editorial Gredos, S. A., Madrid, 1965.



- 16 — ————. Un ou Deux Phonèmes? In: —. *Acta Linguistica*, I, 1939, pp. 94 e segs.
- 17 — Pike, K. L.. *Phonemics; A Technique for Reducing Languages to Writing*. University of Michigan Press, Ann Arbor, 1947.
- 18 — ————. *The Intonation of American English*, University of Michigan Press, Ann Arbor, 1946.
- 19 — Prator, Clifford H. Jr.. *Manual of American English Pronunciation*. Revised edition. Holt, Rinehart and Winston, New York, 1956.
- 20 — Sapir, Edward. "La Réalité psychologique de phonèmes", *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 30 (1933), pp. 247-265.
- 21 — ————. *Selected Writings In Language, Culture, and Personality*. University of California Press, Berkeley, California, 1949.
- 22 — Stageberg, Norman C.. *An Introductory English Grammar*. Second Edition. Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York, 1971.
- 23 — Swadesh, Maurice. *The Phonemic Principle*, Language, 1934.
- 24 — Trager, George L. e Henry Lee Smith Jr.. *An Outline of English Structure*. American Council of Learned Societies, Washington, D. C., 1957.
- 25 — Troubetzkoy, N. S.. *Grundzüge der Phonologie*. In: —. *T. C. L. P.*, VII, 1939.
- 26 — ————. *Roman Jakobson e Kartzevski. Actes du Premier Congrès International de Linguistes à la Haye, 10-15 avril 1928*, Leiden, 1928.
- 27 — Wells, R.. *The Intonation, Language*, 1947.